

# Ruínas do Eu: Freud, Foucault e a Arqueologia da Subjetividade Digital

Andressa Martins Belisario

## Introdução

O presente artigo propõe uma escavação conceitual das formas de subjetivação contemporâneas, articulando a psicanálise freudiana, a genealogia foucaultiana e os desafios impostos pela virtualidade. Busca-se investigar de que modo os conceitos de recalque, em Freud, e de vigilância, em Foucault, atuam simultaneamente na constituição e na dissolução do Eu em uma cultura marcada pela hiperexposição.

A metáfora arqueológica, comum a ambos os autores, oferece o fio condutor para pensar uma subjetividade marcada por restos, falhas e silêncios. O texto também dialoga com Green e Ogden, ampliando a escuta das zonas psíquicas não simbolizadas e das experiências não pensadas que hoje afloram de modo particular na clínica.

A subjetividade digital é atravessada por paradoxos: excesso de imagem e escassez de sentido, hiperconexão e isolamento, fala incessante e escuta rarefeita. O Eu, convertido em produto, exposto sem filtro, dissolve-se na vitrine infinita dos dispositivos. A arqueologia contemporânea é a dos rastros digitais, das presenças hiperinscritas que mascaram vazios.

A clínica psicanalítica, nesse cenário, se apresenta como espaço contra-hegemônico: lugar de silêncio, de espera, de elaboração. A escuta torna-se gesto ético e político, sustentando o que não foi representado, acolhendo o que falha, o que falta, o que resta. Entre recalques e rastros, o sujeito é ruína viva, e a clínica, uma arqueologia da ausência.

## Roma, Recalque e Escavação

Desde o início de sua obra, Freud revelou uma predileção pelo pensamento arqueológico, mais do que metafórico: o inconsciente é, para ele, um território marcado por camadas sedimentadas, ruínas internas

Andressa Martins Belisario.  
Psicanalista. Mestra em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP).  
andressabelisario@gmail.com

que testemunham a história do sujeito. Em *A Interpretação dos Sonhos* (Freud, 1900/2019), a mente é comparada à cidade de Roma, um espaço onde construções modernas se assentam sobre restos arqueológicos, que permanecem presentes mesmo quando soterrados por novas camadas.

Essa metáfora não apenas sugere a coexistência de temporalidades distintas no inconsciente, mas também desafia a ideia de uma memória linear, contínua e transparente. Freud, em *Além do Princípio do Prazer* (1920/2010), amplia essa visão ao introduzir o conceito de trauma e a ideia de que o inconsciente está investido por processos que escapam ao tempo cronológico, que vivem uma repetição compulsiva, um retorno do recalcado que não é facilmente assimilado.

O recalque, *Verdrängung*, mecanismo central do funcionamento psíquico, atua não eliminando conteúdos, mas deslocando-os para fora da consciência, conferindo-lhes uma existência paradoxal: ao mesmo tempo, invisíveis e atuantes. Essa presença na ausência torna a escuta analítica um trabalho arqueológico complexo, que exige que o analista se aproxime dos fragmentos com prudência e uma boa dose de paciência (Freud, 1917/2014).

Nessa condição, o analista não é muito diferente de um velho restaurador que tenta montar um mosaico a partir de peças partidas e, muitas vezes, irreparáveis. Saber que o todo jamais será recuperado é parte da ética freudiana, o que importa não é a reconstrução exata, mas a revelação do sentido dos escombros.

Quando Freud (1900/2019) nos convida a pensar o inconsciente como Roma, cidade eterna onde todas as épocas coabitam simultaneamente, sem que uma apague a outra, ele antecipa uma concepção de mente como montagem estratificada, em que o novo nunca substitui o antigo, apenas o encobre. O inconsciente seria então uma cidade-memória onde o passado insiste, mesmo sem forma visível.

Mas essa imagem, por si só, é otimista demais. Porque Roma, com seus vestígios bem delimitados e mapeáveis, talvez diga mais sobre o desejo arqueológico de Freud do que sobre o que realmente encontramos na clínica. Green (1993/2010), com seu conceito de *negativo*, nos adverte de que há formas de ausência que não deixam vestígios visíveis, um recalque originário que, ao invés de esconder um conteúdo, instala um vazio estrutural. Uma espécie de ruína sem pedra, um buraco escavado antes mesmo de haver construção.

É aí que a analogia arqueológica se radicaliza: não se trata apenas de desenterrar camadas de sentido, mas de reconhecer que há, em certas regiões do psiquismo, aquilo que nunca chegou a ser representado. Green nos oferece uma escavação que é uma arqueologia do que faltou, e que por isso mesmo insiste. Seu trabalho do negativo desloca o foco da presença

recalcada para a ausência irrepresentável, aquilo que rompeu a possibilidade de inscrição psíquica.

Ogden (1989), por sua vez, complementa esse panorama ao sugerir que há estados do ser que não alcançaram ainda o nível de pensamento. Em sua noção de *experiência não pensada*, o psiquismo é concebido como campo onde a realidade emocional só existe em estado bruto, sem forma, sem símbolo e sem lugar. Ogden se aproxima de Green ao propor que o analista, como o arqueólogo de Freud, deve estar atento ao que se manifesta não apenas nas palavras, mas nos vazios, nos silêncios carregados, nas paradas respiratórias da sessão.

A escavação psicanalítica, portanto, não busca uma Roma inteira, mas lida com a ruína que nunca foi edifício. O sujeito é um palimpsesto instável, no qual o que foi, o que não pôde ser e o que foi arrancado coexistem num campo marcado pela oscilação entre presença e ausência. A escuta psicanalítica é, nesse sentido, um mergulho em zonas de falência da simbolização, uma arqueologia que escava o impensado, buscando não o que foi enterrado, mas o que nunca se construiu.

Assim, diferentemente da Roma idealizada por Freud, o inconsciente que encontramos na clínica contemporânea se assemelha mais a uma cidade em colapso, cujas fundações são instáveis, e cujos mapas mentais estão desfeitos. É nesse cenário caracterizado pela ausência de ruínas, na falha da própria representação, que se localiza a dor muda do sujeito contemporâneo.

## **Panóptico, Vigilância e o Corpo Inscrito**

Se Freud nos conduziu às entranhas da cidade-mente, Foucault nos convida a caminhar pelos corredores frios das instituições disciplinares. Em *Vigiar e Punir* (2014), o panóptico, projeto arquitetônico de uma prisão ideal, torna-se metáfora maior do poder moderno: um olhar que tudo vê, mas que não se mostra. O efeito é fulminante: mesmo ausente, o olhar vigia; e o sujeito, introjetando essa presença espectral, aprende a se autopolicar.

Mas esse olhar, diferentemente do superego freudiano, não emerge do interior das fantasias infantis, ele é produto histórico, dispositivo social, operação discursiva. Em *A Arqueologia do Saber* (2008), Foucault mostra que os sujeitos são formados nas redes de saber-poder, por discursos que classificam, segregam, disciplinam. Não há essência prévia: há práticas. Não há interioridade pura: há dispositivos de captura.

A arqueologia foucaultiana não escava profundezas, mas superfícies, discursos, documentos e registros. O poder não se oculta nas sombras,

mas circula nas normas, nos protocolos, nos bancos de dados. E no século XXI, isso assume uma forma aterradora: o panóptico se dissolve em *pixels* e algoritmos. O corpo não precisa mais ser vigiado de fora: é ele mesmo que se oferece, voluntariamente, à inspeção contínua.

A internet não é apenas uma vitrine, é um laboratório de subjetivação. Ali, o sujeito é analisado, recortado, monitorado, tudo com seu pleno consentimento, ou, talvez, sob o disfarce do desejo de visibilidade. O Eu digital não se recalcou, ele se exibiu. Mas a que preço?

O paradoxo contemporâneo se explicita: enquanto na clínica escutamos o silêncio dos sujeitos que não conseguiram nomear o trauma, nos espaços virtuais vemos sujeitos gritando sem pausa, performando, postando, atualizando, como se o excesso de imagem pudesse preencher a falta de sentido. O recalque deu lugar à exibição compulsiva, o segredo cedeu à transparência histórica.

Nesse ponto, já se anuncia a aproximação com Green, o excesso pode ser tão desorganizador quanto a falta. E também com Ogden, na forma de exposição que não é pensada, apenas vivida em colapso. O Eu que se mostra o tempo todo talvez esteja tentando, desesperadamente, existir. Mas entre visibilidade e representação há um abismo, e é nesse vão que o sujeito contemporâneo parece cair.

Foucault (2014) mostrou que o poder disciplina não apenas os corpos, mas também os afetos, os gestos, os pensamentos. O que ele não poderia prever, embora talvez intuisse, é que o desejo de exposição tornaria o sujeito cúmplice de sua própria dissolução. Um panóptico sem torre, sem guardas, mas onde todos se veem e ninguém se escuta.

A arqueologia foucaultiana, ao contrário da freudiana, não busca o sentido escondido, mas revela a lógica dos enunciados. No entanto, ambas convergem em um ponto crucial: o sujeito não é senhor de si. E na era digital, essa verdade se escancara com uma ironia trágica, pois nunca se falou tanto de autenticidade, e talvez nunca se tenha sido tão pouco.

É interessante notar que o panóptico foucaultiano é um prodígio da arquitetura invisível, um labirinto sem paredes físicas onde o sujeito está preso pelo olhar difuso de milhões de olhos que nunca piscam, os algoritmos, os aplicativos, as câmeras públicas, os perfis que o sujeito mesmo alimenta. Foucault antecipou essa era digital sem internet, mostrando que a vigilância não precisa de grades para ser eficaz, apenas de uma internalização discreta e persistente.

Na era da hiperconectividade, o panóptico não é mais um edifício, mas um software, a vigilância acontece em tempo real e sem trégua. O sujeito se transforma em espetáculo, ator e plateia de sua própria tragédia.

## Entre Recalques e Rastros: o Sujeito como Ruína Viva

A psicanálise, desde Freud, lida com aquilo que insiste em retornar. O recalcado, ainda que excluído da consciência, retorna como sintoma, ato falho, sonho, como mensagem cifrada de um saber que o sujeito ignora, mas que fala através dele. Já Foucault, ao investigar os regimes de verdade, revela que o sujeito é um efeito das condições de possibilidade do saber, um produto das tecnologias discursivas e das malhas de poder.

Com Green a arqueologia subjetiva ganha profundidade. Em sua teoria do *negativo* propõe que nem tudo o que está ausente foi outrora presente. Há ausências fundantes, falhas de representação, zonas mortas do psiquismo onde algo faltou radicalmente. Não se trata, portanto, de desenterrar um conteúdo oculto, mas de sustentar a experiência da falta de inscrição. O negativo, nesse sentido, não é a sombra de uma presença, é uma estrutura em si, silenciosa e potente.

O psicanalista egípcio nos lembra que o trauma não é apenas o excesso, mas a não-inscrição. A psicanálise, nesse caso, não revela um segredo enterrado, mas testemunha uma catástrofe de simbolização, como quem caminha por um campo onde não houve sequer escavação, apenas afundamento. E isso torna a escuta clínica menos uma decifração e mais um acolhimento do que não se pôde formar.

Bion (1962), ao introduzir o conceito de função alfa, descreve a capacidade psíquica de transformar experiências brutas *elementos beta* em pensamentos simbólicos *elementos alfa*. Na era digital, essa função entra em colapso: a mente não metaboliza, apenas reage. O sujeito hiperestimulado não pensa, apenas se mostra. Vive num presente contínuo, emocionalmente colapsado. No *Instagram*, a dor vira filtro; no *TikTok*, o trauma vira dancinha.

Ogden (2013), por sua vez, nos ajuda a escutar os resíduos dessa falha: as experiências não pensadas, os estados não metabolizados que habitam a clínica como presença opaca. Sua proposta de *sonhar o paciente* radicaliza a escuta: diante da falência da função alfa, o analista sustenta o vazio, sonha junto, oferece continente simbólico ao que ainda não pôde ser dito.

A clínica contemporânea é, assim, um espaço contra-hegemônico: onde o tempo se desacelera, onde a ausência é sustentada, onde o silêncio não precisa ser preenchido. Escutar, hoje, é resistir. A psicanálise se torna contracorrente: contra o ruído, contra o imperativo da performance, contra a vigilância do eu.

A clínica se torna então o espaço onde se pode *sonhar por, pensar com, falar por empréstimo*. Para Ogden, o analista participa da formação do sujeito ao habitar, junto com ele, esses estados liminares. Trata-se de um

trabalho que não é apenas interpretativo, mas relacional, quase artesanal, onde a linguagem ainda está em fase de gestação.

Na era digital, esse vazio simbólico ganha novos contornos. Sob a avalanche de estímulos, de imagens, de performances, há sujeitos que vivem saturados de representação e famintos de significado. Um self hiperexpresso e subpensado, ou como diria Green, uma *fala branca*, esvaziada de afetos. O excesso de signos esconde o silêncio do trauma não representado.

O sujeito contemporâneo pode ser descrito como uma ruína viva: não apenas os restos de uma história, mas a paisagem em que o colapso está em curso. Um ser cuja interioridade foi colonizada por algoritmos e cuja dor se manifesta em modos de gozo sem linguagem. Como interpretar um feed repleto de imagens onde nenhuma delas fala?

Assim, a arqueologia da subjetividade digital não deve buscar vestígios enterrados, mas sustentar a escuta de zonas não figuradas. Não se trata mais de restaurar um sujeito perdido, mas de habitar com ele o que nunca foi achado.

Neste ponto, talvez o analista se torne uma espécie de restaurador paradoxal: alguém que não reconstrói, mas que sustenta a ruína como possibilidade de vida. Não há mapa. Mas há rastros, cortes, silêncios. E, sobretudo, a ética de não tentar preencher aquilo que deve permanecer em suspenso, pois o vazio, quando sustentado, pode tornar-se espaço de criação.

## Considerações Finais

O Eu contemporâneo, esse Eu que se exhibe, posta-se, atualiza-se, talvez esteja tentando desesperadamente existir. Mas sua visibilidade é uma miragem: quanto mais se mostra, menos se representa. Quanto mais fala, menos diz. Quanto mais performa, menos sonha. O sintoma, aqui, não é o segredo escondido, mas o excesso de luz. O problema não é o recalque, mas o colapso do simbólico.

A arqueologia da subjetividade digital não escava camadas do passado, mas caminha sobre um presente em frangalhos. Não há Roma subterrânea, mas rastros desconectados, algoritmos que desenham perfis sem subjetividade, vozes que ecoam sem escuta. E ainda assim, algo pulsa. Uma resistência. Um resto. Um espaço.

Esse cenário não deixa de ser irônico: a mesma tecnologia que promete democratizar a memória e libertar o sujeito acaba por aprisioná-lo em uma teia invisível de dados e padrões que dificilmente pode controlar. É a era do Eu convertido em produto, rastreável, analisável e, por vezes, descartável.

Em uma perspectiva freudiana, essa exposição constante ameaça a possibilidade do recalque, pilar da vida psíquica. Sem a sombra do esquecimento, a subjetividade corre o risco de se tornar um espetáculo vazio, privado da potência do silêncio e da omissão. Foucault, que nunca foi ingênuo sobre os limites da liberdade, lembra-nos que a visibilidade total é uma forma eficaz de controle.

Entretanto, nem tudo está perdido: as ruínas digitais permanecem, em atos falhos, deslizos e na imprevisibilidade do desejo humano que não se deixa codificar. O analista, nesse contexto, não é restaurador de identidades perdidas, mas companheiro de ruínas, aquele que, ao invés de reconstruir, aprende a caminhar entre os escombros com respeito e cuidado.

Essa escuta das ausências é também política. Pois num mundo que exige produção contínua, positividade sem pausa, presença performada, escutar o silêncio é subversivo. Escavar o impensado é resistir ao algoritmo. Habitar o vazio é recusar a lógica do dado.



**Resumo** Este artigo propõe uma reflexão sobre a subjetividade contemporânea a partir da articulação entre duas arqueologias paradigmáticas: a freudiana, que escava as camadas do inconsciente e seus mecanismos de recalque; e a foucaultiana, que desenterra as práticas discursivas e de poder que moldam o sujeito. Em tempos de virtualização e hipertransparência, o Eu parece simultaneamente expandido e dissolvido, o texto investiga as ruínas que permanecem e o que elas revelam sobre a condição humana. Ao conjugar recalque e panóptico, a análise destaca as tensões entre o esquecimento psíquico e a vigilância social, sugerindo que a arqueologia da subjetividade digital exige o reconhecimento das ausências, silêncios e falhas que o excesso de visibilidade não apaga. A subjetividade digital é atravessada por paradoxos: excesso de imagem e escassez de sentido, hiperconexão e isolamento, fala incessante e escuta rarefeita. A arqueologia contemporânea é a dos rastros digitais, das presenças saturadas que ocultam vazios.

**Palavras-Chave** Freud; Foucault; arqueologia; subjetividade digital.

### **The Ruins of the Self: Freud, Foucault, and the Archaeology of Digital Subjectivity**

**Abstract** This article proposes a reflection on contemporary subjectivity through the articulation of two paradigmatic archaeologies: the Freudian, which excavates the layers of the unconscious and its mechanisms of

repression; and the Foucauldian, which uncovers the discursive and power practices that shape the subject. In times of virtualization and hypertransparency, where the self appears simultaneously expanded and dissolved, the text investigates the ruins that remain and what they reveal about the human condition. By bringing together repression and the panopticon, the analysis highlights the tensions between psychic forgetting and social surveillance, suggesting that the archaeology of digital subjectivity requires recognition of the absences, silences, and flaws that excessive visibility fails to erase. Digital subjectivity is traversed by paradoxes: an excess of images and a lack of meaning, hyperconnection and isolation, incessant speech and diminished listening. Contemporary archaeology is that of digital traces, saturated presences that conceal absence.

**Keywords** Freud; Foucault; archaeology; digital subjectivity.

## Referências

- Bion, W. R. (1962). *Learning from Experience*. Heinemann.
- Foucault, M. (2008). *A arqueologia do saber* (7ª ed.). Forense Universitária.
- \_\_\_\_\_. (2014). *Vigiar e punir: Nascimento da prisão* (42ª ed.). Vozes.
- Freud, S. (2010). Além do princípio de prazer. In *Obras completas* (Vol. 14). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920)
- \_\_\_\_\_. (2014). Conferências introdutórias à psicanálise. In *Obras completas* (Vol. 13). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917)
- \_\_\_\_\_. (2019). A interpretação dos sonhos. In *Obras completas* (Vol. 4). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1900)
- Green, A. (2010). *O trabalho do negativo*. Artmed. (Trabalho original publicado em 1993)
- Ogden, T. H. (1989). *The primitive edge of experience*. Jason Aronson.
- \_\_\_\_\_. (2013). *Reverie e interpretação*. Escuta.

DOI  
10.5935/0101-3106.v47n80.06